

05/02/98
13/12/98 15

Mulheres da Amazônia rejeitam as mudanças na aposentadoria

Senadora: na região, elas envelhecem antes de amadurecer

Ana Paula Macedo

• BRASÍLIA. Durante vários anos, as mulheres da Amazônia apostaram na participação em movimentos nacionais e internacionais ligados à questão feminina para encontrar saídas para seus problemas. Invariavelmente, deixavam as discussões, voltadas para a realidade das mulheres dos grandes centros urbanos, sem perspectivas. Motivadas pelos resultados da IV Conferência Mundial sobre a Mulher, realizada há quatro anos em Beijing, na China, organizaram em 1997 o Movimento Articulado de Mulheres da Amazônia (Mama).

Doze meses depois, realizam a partir de hoje o I Encontro Internacional de Mulheres da Floresta, que reunirá 200 participantes de nove estados e cinco países (Bolívia, Equador, Peru, Colômbia e Venezuela) em Rio Branco até quinta-feira. E aproveitam para tentar cortar pela raiz desde já a idéia surgida durante os debates da reforma da Previdência: aumento do tempo de serviço das mulheres para aposentadoria.

— Na realidade de muitos Brasileiros, que muitos não conhecem, as

mulheres de 30 anos parecem ter 60. É mais do que justo, pelo menos no outro Brasil, garantir a aposentadoria das mulheres. Mulheres que envelhecem antes de amadurecer. Uma idéia dessas é no mínimo querer fazer do Brasil um país de Primeiro Mundo a ferro e a fogo — ressalta a senadora Marina Silva (PT-AC).

Principal meta é unificar propostas das trabalhadoras

A principal meta do encontro, que começou a ser planejado com a criação do Mama, é tentar unificar as propostas dos diferentes grupos de trabalhadoras e organizações de mulheres da floresta, tanto brasileiras quanto da América Latina. O evento vai contar com a presença de mulheres índias, brancas e negras das mais diversas atividades. Amazonas, Amapá, Roraima, Rondônia, Tocantins, Mato Grosso e Maranhão estão representados.

— É uma mobilização, uma articulação que não existia. Um processo muito positivo. Esperamos aprovar uma plataforma que possa ser levada aos agentes públicos para ações concretas de saúde, educação, enfim, para ques-

tões de gênero. Não se tem o básico, o essencial. Muitos podem pensar que discutir isso é luxo, mas não é. É uma necessidade premente — afirma Marina.

São as trabalhadoras rurais que enfrentam os maiores problemas. Uma das principais dificuldades, destaca a senadora, é conseguir a aposentadoria pelo FURRURAL. As mulheres têm que comprovar o tempo trabalhado, mas raramente têm documento. Muitas nem recebem salário, uma vez que trocam o que ganham por produtos nas mercearias mantidas pelos próprios patrões. A licença-maternidade também só faz parte do imaginário de grande parte dessas mulheres que, por causa da burocracia, acabam impedidas de gozar do benefício.

A senadora acredita que o encontro (que, com o Encontro Nacional de Seringueiros, faz parte da Semana Chico Mendes, em memória do líder ambientalista assassinado há 10 anos) abrirá portas para que as mulheres consigam transpor a discriminação dos próprios companheiros e passem a participar mais efetivamente do processo sindical, político e deliberativo da região. ■